

A INTERFACE DA EDUCAÇÃO E A INDÚSTRIA CULTURAL

MARCELA TAVARES DE FREITAS LIMA¹

Resumo

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a proposta "Educação para todos: caminho para mudanças" MEC (1985) trazidas por Freitag (1987). Mostra os problemas vivenciados pela educação na transição da República Velha para a Nova, onde os desafios educacionais tem a possibilidade de romper com os velhos paradigmas que anulavam o seu poder transformador. Pretende-se, a partir da análise dos textos levantar algumas discussões relevantes para o cenário educacional atual e a indústria cultural no decorrer desse percurso, dialogando com a visão de alguns teóricos da escola de Frankfurt.

Palavras-chave: Política educacional; Indústria Cultural; Formação cultural.

Introdução

A política educacional brasileira é um dos temas que há muito tempo vem sendo debatido no campo da educação, tanto na comunidade acadêmica quanto pelos órgãos e instituições que a representam na sociedade. Sendo responsáveis pela construção de diretrizes que tenham o compromisso de promover melhorias no ensino e na aprendizagem.

Nesse âmbito, Freitag (1987) através de seus estudos, mostra a complexidade do processo histórico da educação brasileira, onde vários acontecimentos e fenômenos sociais influenciaram o seu percurso, fazendo com que alguns problemas atravessassem o tempo e voltassem repaginados, representando a reincidência do fracasso escolar. Alguns elementos envolvidos nesse processo são responsáveis pela perpetuação das relações de poder e a categorização das classes sociais.

O sistema escolar, assim como os demais sistemas governamentais, torna-se uma peça-chave de um grande quebra-cabeça para os educadores e pesquisadores brasileiros. A escola estava caminhando na contramão das mudanças pretendidas para torná-la melhor, não contribuindo muito para mudar a sua realidade (FREITAG, 1987). No entanto, essa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGedu, da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, na Linha de Pesquisa: Infância, juventude e cultura contemporânea: direitos, políticas e diversidade.

instituição também apresenta outras formas de resistência em resposta à opressão causada pelas estruturas de poder.

[...] a escola, por mais que seja um aparelho ideológico do Estado, no sentido de Althusser, é também, como ressaltava Gramsci, um espaço de 'livre circulação' das ideologias, podendo, por isso mesmo, constituir um lugar privilegiado para a ruptura da 'hegemonia' ideológica de uma classe ou fração de classe. (FREITAG, 1987, p. 8).

Em meio as políticas sociais é vislumbrado um novo lugar para a política educacional, tendo em vista a sua especificidade, que merece mais atenção e compreensão à luz de um arcabouço teórico mais amplo. Isso contribuiria para mudar a visão assistencialista que se tinha das políticas sociais, a qual acabava interferindo na sua atuação, devido a uma série de equívocos que limitavam a sua compreensão (FREITAG, 1987).

No projeto *Educação para todos: caminho de mudanças* é proposto um plano, onde se insere os meios de comunicação como um instrumento, ao mesmo tempo, de mobilização da população sobre a importância da educação e um recurso educativo moderno (MEC, 1985). A inserção nos meios de comunicação de um espaço educativo e cultural, que atendessem aos objetivos da proposta do MEC começam a provocar mudanças nas TVs comerciais, que se dão conta da necessidade da presença desses elementos, o educativo e o cultural, nos seus conteúdos.

A influência dos conteúdos veiculados por esses meios na vida das pessoas, se dá lenta e silenciosamente, mas com potencial de alicerçar bases sólidas, amparadas nas concepções ideológicas por trás das informações recebidas. É preciso denunciar os verdadeiros interesses ocultados pelas ideologias vigentes e começar a questionar e analisar os modelos adotados que são apresentados em todos os espaços institucionalizados. De modo que, a compreensão desses fatores possam se transformar em subsídios para a desconstrução de tais modelos dominantes e, assim, abrir espaço para novos posicionamentos perante essa realidade.

A política educacional e suas implicações sociais

No cenário educacional brasileiro, o seu processo histórico permite uma compreensão mais nítida sobre a massificação do ensino, como o resultado de uma demanda por educação não atendida pelo Estado, repassando parte dessa responsabilidade para o setor privado. Isso, acarretou uma perda significativa da qualidade da educação, a qual foi conquistada em grande parte, através de esforços da "época dos Pioneiros da Educação Nova (1930) e do debate em torno da LDB de 1961" (FREITAG, 1987, p. 77).

No cerne da política educacional, a sua função é direcionada a todas as classes sociais, "[...] voltando-se essencialmente para populações ainda não absorvidas pelo mercado de trabalho" (FREITAG, 1987, p. 32). Diferente do que se imagina, tais políticas visavam garantir a força de trabalho futura que alimentaria o modo de produção do sistema capitalista.

Nesse cenário, compreende-se que as políticas educacionais são constituídas sem a participação dos interessados, mas ao mesmo tempo, admite-se a sua participação a partir do processo de conscientização sobre os conflitos que requerem soluções nos ambientes escolares. Deste modo, se convertem em programas capazes de promover a transformação social a partir do contato das pessoas com as suas ações, produzindo efeitos positivos que não podem ser remetidos somente à idéia de assistencialismo.

Nesse sentido, essa reflexão tem como finalidade compreender a relação entre as propostas trazidas no projeto *Educação para todos: caminho para mudanças* com o cenário educacional brasileiro, repensando-o a partir de novos parâmetros (FREITAG, 1987). Para tanto, amparou-se na visão dos teóricos da escola de Frankfurt, Adorno, Horkheimer e Benjamin.

O objetivo das políticas sociais do Estado, fugiam ao propósito para o qual foram pensadas, não permitindo a criação de um vínculo justo deste com a sociedade, servindo como mais uma das armadilhas que se apresentam camufladas no meio social.

O Estado capitalista moderno não somente se encarrega de qualificar a força de trabalho para o mercado, mas ainda procura mediante tais políticas, manter, controlar, subsidiar e represar aquelas parcelas da força de trabalho que no momento não têm aproveitamento no processo produtivo, deixando-as, no entanto, em permanente estado de prontidão para toda e qualquer eventualidade, ou seja, em função das necessidades do mercado. (FREITAG, 1987, p. 17).

As políticas sociais criadas pelo Estado, atendiam preferencialmente, as classes detentoras dos meios de produção. Para a classe operária, as mesmas políticas visavam melhorar as condições de vida dos trabalhadores, mas sobretudo, garantir a manutenção da força de trabalho, uma vez que, ela representa a permanência das relações de poder entre as classes.

Para a manutenção da força de trabalho, o governo passou a intervir em áreas específicas da sociedade, as quais passaram a ser motivo de atenção por parte do Estado. Com o intuito de inseri-las nos domínios do sistema capitalista, transferindo-as da esfera privada para a pública, onde poderiam ser submetidas ao controle estatal (FREITAG, 1987).

Através das políticas sociais, o Estado oferece os meios de qualificação da força de trabalho, de modo que a mesma atenda aos seus propósitos dentro do processo produtivo, garantindo deste modo,

[...] o fluxo e refluxo da força de trabalho assalariada absorvível pelo sistema produtivo, tornando não somente o mecanismo regulador por excelência do mercado de trabalho, como o grande articulador da preservação do sistema capitalista como um todo. (FREITAG, 1987, p. 17).

Assim, a função reprodutiva da educação abordada na obra de Althusser *Ideologias e aparelhos do Estado*, revela os reais interesses do sistema capitalista em relação a sociedade. Essa função é alimentada por dois elementos, a reprodução dos meios de produção e a reprodução da força de trabalho.

Essas duas forças caminham juntas, pois os meios de produção necessitam da força de trabalho para sobreviver no mercado. Assim, a ausência da segunda pode representar a falência da primeira, pois alguém precisa executar tais tarefas para que o sistema capitalista continue vigorando.

As diferenças existentes nas políticas sociais dos países com o capitalismo avançado e dos países com o capitalismo dependente, como o Brasil, fez sentir-se na forma de atuação dessas políticas. Ou seja, "[...] as diferenças na estruturação da sociedade de classes e da organização do Estado, necessariamente, implicam uma atuação diferenciada também das políticas sociais no contexto brasileiro" (FREITAG, 1987, p. 29).

Do mesmo modo, nessa época, as políticas sociais estatais no Brasil, não atingiriam a mesma dimensão que nos países desenvolvidos, não permitindo muitos avanços em relação ao bem-estar social. Os interesses do aparelho estatal se concentram mais em "[...] políticas econômicas, [...], e nas ações repressivas, [...], do que em políticas sofisticadas, preocupadas em diminuir tensões e em disfarçar ou compensar desigualdades e injustiças" (FREITAG, 1987, p. 29).

No projeto *Educação para todos: caminho para mudanças*, quando os conteúdos educacionais passam a ser veiculados pelos canais de comunicação, tanto no sentido de conscientizar, quanto como um recurso educativo (teleducação), a educação tem seus objetivos desviados e submetidos aos interesses mercadológicos. Nesse sentido,

A educação, deformada em mercadoria, transforma-se em semi-educação. Uma é inimiga mortal da outra. A "democratização" da educação significa para Adorno inevitavelmente a banalização, a deterioração, a negação do saber e da cultura. (FREITAG, 1987, p. 65).

No contexto atual, o conceito da indústria cultural continua válido e pode ser utilizado juntamente com as concepções que o amparam contra a universalização da semiformação (ZUIN, 2001). Para ele, a reincidência de barbáries na sociedade esta muito além dos atos de violência a que as pessoas são expostas com frequência, estas derivam de uma cultura que é consumida através do conteúdo de muitos dos produtos da indústria cultural, os quais determinam os modos de ser e agir das pessoas em todos os espaços sociais.

Ao mesmo tempo, em que a educação defende a autonomia e a liberdade das pessoas, ela própria não esta mais alicerçada numa estrutura sólida. A educação, passa assim, por uma metamorfose desfavorável no território da indústria cultural, que lhe transforma em semi-educação, sendo ocultado parte do seu conteúdo na formação e construção da autonomia e liberdade das pessoas. Assim, "para que a educação volte a ser um processo de assimilação e elaboração da experiência pela consciência, sem heteronomia, [...], é preciso que se evite a tempo o bloqueio das consciências, sua calcificação definitiva" (FREITAG, 1987, p. 66).

Quando o sujeito se apropria das suas potencialidades emancipatórias, ele consegue resgatar parte da formação que lhe foi negligenciada e substituída por conteúdos ideológicos que mascaram a sua realidade social .

O projeto do MEC, poderia involuntariamente acarretar mais problemas para a área educacional, se distanciando ainda mais das soluções almejadas para superar o fracasso escolar. Observa-se um cenário caótico, das consequências dessa parceria entre a indústria cultural e a educação, representando um fator de risco ainda maior para a sociedade, se comparada com a realidade anterior, onde os outros setores não invadiam de forma tão severa a forma de atuação da educação. Já para Benjamin, as mudanças trazidas pelos novos modos de produção do saber, alteram também as suas bases.

[...] a introdução dos modernos instrumentos de aprendizagem altera, também, juntamente com a alteração do caráter e da função da educação, a atitude do consumidor e, possivelmente, o próprio público consumidor. (FREITAG, 1987, p. 69-70).

Deste modo, pressupõe-se que não existe processos de mudanças isoladas em determinados setores, que não repercutam em outros espaços e públicos que estão direta ou indiretamente vinculados a estes. Isso, explica a visão de Benjamin sobre a questão educacional e a indústria cultural, onde as alterações sofridas por ambos são sentidas e refletidas muito além dos seus muros, mas nem sempre de um modo programável e previsível, como espera os mecanismos de controle governamental, e isso representa um fator favorável para a expectativa de emancipação social.

Os pontos e contrapontos da indústria cultural

O campo da indústria cultural é um terreno de muitas discussões, em grande parte por teóricos da escola de Frankfurt. Apesar das divergências e convergências existentes sobre vários aspectos da indústria cultural, a intersecção de algumas teorias pode representar novas possibilidades de compreensão da realidade social de vários contextos. Que longe de encerrar o campo das discussões a esse respeito, acabam por ampliá-lo ainda mais.

As modificações que ocorreram nos meios de produção ao longo do tempo, colaboraram, ainda que lentamente, com o desenvolvimento das técnicas de reprodução no cenário cultural (BENJAMIN, 1985). Nesse percurso, o modo de reprodução da obra de arte

passou por sucessivas etapas, das sociedades antigas às atuais, através de todas as técnicas e instrumentos que estas tinham ao seu alcance.

Diferente das condições artesanais em que as técnicas de reprodução se desenvolveram inicialmente, hoje elas alcançaram uma rapidez que acompanha a velocidade das próprias imagens reproduzidas, "[...] como o olho apreende mais rápido do que a mão desenha, a reprodução das imagens pode ser feita, a partir de então, num ritmo tão acelerado que consegue acompanhar a própria cadência das palavras" (BENJAMIN, 1985, p. 223).

Diante das técnicas de reprodução, a autenticidade de uma obra perde o seu sentido original, o seu *hic et nunc*, expressão latina que significa o *aqui e agora* da obra original, que foi produzida em uma determinada época. Já as suas reproduções, realizadas em épocas posteriores, perderiam esse elemento essencial que lhe confere a sua unicidade no tempo e no espaço. Assim, "o que faz com que uma coisa seja autêntica é tudo o que ela contém de originalmente transmissível, desde sua duração material até o seu poder de testemunho histórico" (BENJAMIN, 1985, p. 225).

No entanto, em se tratando da reprodutibilidade técnica, a própria noção de autenticidade se altera, pois o universo da técnica traz consigo novas condições de produção, que foram criadas com a finalidade de reproduzir em série um objeto a partir da sua matriz original e, é isso que fundamenta a própria razão de ser dessa técnica.

[...] a técnica pode transportar a reprodução para situações nas quais o próprio original jamais poderia se encontrar. [...]. Permitindo ao objeto reproduzido oferecer-se à visão ou à audição em qualquer circunstância, elas lhe conferem uma atualidade. (BENJAMIN, 1985, p. 225-226).

Assim, a técnica atinge na obra de arte a sua aura, a qual é definida como "a única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que ela possa estar" (BENJAMIN, 1987, p. 227). Quando a transporta para outras dimensões históricas, a retirando dos limites da sua tradição social, a qual lhe assegurava a sua unicidade.

Ao analisar as consequências da reprodutibilidade técnica da obra de arte, Adorno e Horkheimer defendem que esse processo "[...] destrói, dissolve a obra de arte. Para evitar isso, defendem a preservação da cultura e obra de arte burguesas, preservando-se assim o seu potencial crítico" (FREITAG, 1987, p. 62). Nessa perspectiva, o produto ou bem cultural

perde o seu significado, os últimos resquícios de sua aura, em meio ao turbilhão de outros produtos comerciais que são associados à sua imagem.

Longe de "democratizar" um bem cultural, a indústria cultural, ao produzir ou reproduzi-lo (em série), tornando-o acessível a todos, passa a oferecê-lo, juntamente com sabonetes, automóveis, sapatos e outros produtos de consumo, descaracterizando-o, utilizando-o para vender os olhos do consumidor, distorcer sua percepção, embalá-lo em ilusões, subverter seu senso crítico. (FREITAG, 1987, p. 57).

Nesse contexto, Adorno (1983), ao abordar sobre a regressão da audição, mostra o quanto as pessoas se tornaram vulneráveis aos apelos persuasivos da indústria cultural, através de propagandas e anúncios que circulam nos diversos meios de comunicação. Perante esses mecanismos, as pessoas agem impulsivamente diante de ofertas tentadoras, como se a mercadoria em questão fosse um troféu que atendesse às suas necessidades básicas de sobrevivência na sociedade. Esse comportamento consumidor, resulta de uma série de estratégias comerciais que produzem estímulos que minam qualquer forma contrária de pensamento ao que foi estabelecido e disseminado às pessoas.

Os ouvintes e os consumidores em geral precisam e exigem exatamente aquilo que lhes é imposto insistentemente. O sentimento de impotência, que furtivamente toma conta deles em face da produção monopolista, domina-os enquanto se identificam com o produto do qual não conseguem subtrair-se. (ADORNO, 1983, p. 91).

Nesse processo, as pessoas se distanciam umas das outras e também de si mesmas, à medida que as diferentes formas de expressão e interação são ameaçadas pelos modernos meios de produção. Tais atributos, poderiam permitir às pessoas desenvolverem o seu potencial criativo e inovador, dotando-as de sensibilidade para com os elementos que as cercam e participam da sua realidade.

Nesse sentido, para se pensar no todo é preciso ter uma "[...] audição adequada e justa; sem grande oposição, o ouvinte se converte em simples comprador e consumidor passivo" (ADORNO, 1983, p. 70). A perda dessa exigência por parte dos consumidores, imersos na barulhenta sociedade do consumo, permite que eles enxerguem a obra de arte somente fragmentada, não alcançando na sua totalidade.

Nesse cenário, ao mesmo tempo em que as indústrias produzem novos produtos e serviços, surgem também novas necessidades para os consumidores, de modo que haja correspondência entre ambos no universo do consumo.

No que se refere ao universo musical, os próprios produtos passaram a ser pensados e construídos, considerando o impacto do seu lançamento no mercado. De acordo com Adorno (1983), há algum tempo a voz dos cantores, considerada um *bem material*, era submetida à padrões de qualidade que lhe conferia um nível técnico adequado, antes de exercerem a sua função musical.

Hoje, tais exigências foram extintas, por não serem mais consideradas relevantes como requisitos indispensáveis para quem pretendesse se tornar um (a) cantor (a). Essa perda de rigor na produção musical resulta em prejuízos sociais, que são quase sempre imperceptíveis aos olhos das pessoas, uma vez que os seus sentidos também são afetados. Deste modo, os ouvintes não desenvolvem a capacidade de distinguir os diferentes sons, dificultando o reconhecimento das composições verdadeiramente dotadas de elementos de valor para o cenário musical. Isso permitiria à música exercer uma função significativa na vida dos seus consumidores.

Ao descrever o caráter fetichista da mercadoria Marx (apud ADORNO, 1983, p. 77), o expõe como "[...] a veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do 'homem'". Nesse contexto, as pessoas atribuem poder à objetos e acontecimentos que se tornam tão importantes, ou até mais, que ele próprio. São relações que imitam aquelas desenvolvidas somente entre os seres humanos, nas quais se incluem sentimentos de afeição, dedicação, amabilidade, etc.

Nesse sentido, a exaltação do valor de troca faz com que a utilidade de uma mercadoria, seja substituída pelo ato da sua aquisição (ADORNO, 1983). Ou seja, o prazer das pessoas passa a se concentrar no ato de participar ativamente da atividade de consumir mercadorias, de um mercado que não cessa o lançamento, quase diário, de novas versões de produtos, os quais, por sua vez, perdem o seu valor de uso na mesma velocidade em que foram fabricados e adquiridos.

O consumo por si só, desfaz ou anula os ideais almejados pelas pessoas ao realizarem suas atividades diárias, a apropriação de produtos coisificados e enaltecidos pela força dos discursos mercadológicos, aumentam o seu valor e atratividade para o consumidor. Sem contudo, despertar nele um significado real pois, isso implicaria a desapropriação do objeto em seu poder e de si próprio diante do objeto.

As obras que sucumbem ao fetichismo e se transformam em bens de cultura sofrem, mediante este processo, alterações constitutivas. Tornam-se depravadas. O consumo destituído de relação, faz com que se corrompam. [...]. O processo de coisificação atinge a sua própria estrutura interna. [...]. Quanto mais coisificada for a música, tanto mais romântica soará aos ouvidos alienados. É precisamente através disto que tal música se torna "propriedade". Uma sinfonia de Beethoven, executada e ouvida, enquanto totalidade, espontaneamente, jamais poderia tornar-se propriedade de alguém. (ADORNO, 1983, p. 81).

Nessa perspectiva, a reprodução realizada pela indústria cultural não se propõe, embora pareça, a tornar os bens culturais mais acessíveis ao povo. Pelo contrário, forjariam aos olhos dos consumidores uma imagem ilusória de igualdade a partir da possibilidade de acesso à produtos antes limitados à uma minoria da população.

No entanto, essa visão divide espaço com perspectivas como a de Benjamin, que defende a reprodução dos produtos culturais, principalmente os considerados da alta cultura, bem como, o acesso da classe trabalhadora a eles. Contrapondo a ideia de que os mesmos fossem limitados a um público seletivo da sociedade e supõe-se, mais bem preparados para consumi-los e apreciá-los se comparado à classe trabalhadora.

Apesar do avanço tecnológico ter alterado os modos de produção da obra de arte, ele "não destrói, nem aniquila ou absorve a obra de arte e a alta cultura na materialidade da produção capitalista, mas muda o seu caráter, a sua essência como obra de arte e cultura, redefinindo e as reorganizando dentro de uma nova lógica" (FREITAG, 1987, p. 61). Ou seja, as obras de arte e cultura pós-aráuticas são inseridas dentro de um novo contexto de produção capitalista.

Esse meio, além dos aspectos negativos trazidos pelo sistema capitalista também oferece "novas possibilidades de mobilização, contestação, articulação com o real, permitindo a crítica de um novo ângulo, não necessariamente alienado" (FREITAG, 1987, p. 61). Sobre

isso, Benjamin, explica que as obras de arte e suas novas formas e novos padrões, não promovem a extinção das auras das obras de arte pós-aráuticas, para ele o que ocorre é

[...] uma mudança qualitativa da obra de arte pós-aráutica, [...]. Ele tem plena consciência de que o mal estar na civilização (Freud), causado pela sobre-repressão inerente às relações de produção, pode ser aliviado pelas novas formas de arte, como o filme e a televisão, capazes de liberarem tensões que de outra forma se voltariam contra a cultura e a sociedade existente, destruindo-as. Nesse sentido, tais formas exercem uma função conservadora, [...], mas, por outro lado, elas podem ser postas a serviço da politização das massas. (FREITAG, 1987, p. 63).

Entende-se que, um objeto é criado para atender uma finalidade específica em uma determinada sociedade, sendo esta, a função social dessa obra. Porém, esse mesmo objeto, ao ser inserido em outros contextos através da sua reprodução, adquire novas funções sociais, em espaços e épocas diferentes, dependendo de uma série de fatores que envolvem o meio social em que ele se encontra, bem como, os motivos que determinaram a sua demanda.

Em cada um dos momentos, o objeto será integrado ao conjunto de práticas sociais vigentes adquirindo um novo significado, "a unicidade da obra de arte não se distingue de sua integração neste conjunto de reações conhecido como tradição" (BENJAMIN, 1985, p. 228).

Partindo dessa vertente, o acesso a esses produtos pode ir além dos interesses da indústria cultural, permitindo a classe trabalhadora produzir significados para a sua realidade a partir dessa interação, transpondo os limites estabelecidos pela indústria para o seu consumo. Além disso, nesse novo contexto esses produtos, ainda que reproduzidos, adquirem uma nova aura, impedindo a sua dissolução dentro das relações de produção.

As pessoas podem desenvolver capacidades críticas, para saber identificar e usufruir de produtos culturais que tenham conteúdo de qualidade. Essas atitudes fogem dos interesses comerciais e podem criar formas de resistência nos consumidores à tentativa da indústria de manipular a sua forma de consumo.

As novas condições de produção, trouxeram também algumas mudanças na percepção dos consumidores, ou seja, o comportamento das pessoas acompanham essas modificações sociais, principalmente as relacionadas ao consumo. Nesse sentido,

[...] a cultura e a obra pós-aráutica mudam também os hábitos de consumo, mudam a estrutura de percepção e assimilação do próprio consumidor, modificam, com a

própria mudança da forma de criação e produção da obra de arte, seu público consumidor." (FREITAG, 1987, p. 61).

Para Zuin (2001), a veneração do objeto trazida por Adorno, induz a dessensibilização do humano, ocasionando a reincidência de injustiças sociais. A transformação da afetividade em mercadoria e, por consequência do sujeito portador desse sentimento, faz com que o homem se torne escravo de seus desejos.

O consumo incessante de novas versões de produtos reconfigurados, alimentam uma relação permanente de satisfação e insatisfação dos consumidores. O objeto humanizado substitui a necessidade de um conjunto de elementos, sendo o principal deles, as relações humanas. No entanto, de acordo com Zuin (2001), o consumidor pode danificar a mercadoria com o seu olhar, quando desenvolve a capacidade de desfazer-se das ilusões que envolvem o produto, o qual perde o seu poder cultural e volta a ser um objeto comum entre tantos outros.

Nesse sentido, o acesso dos consumidores a determinados produtos culturais e educacionais, podem produzir diversos sentidos, que nem sempre são alienantes como acredita Adorno, mas sim transformadores como defende Benjamin.

Nesse contexto, os modelos tecnológicos, adotados por vários setores brasileiros são importados dos países hegemônicos, com capitalismo avançado. É importante ressaltar, que na década de oitenta do século passado, o Brasil era considerado um país subdesenvolvido, só mais tarde alcançou o conceito de *país em desenvolvimento*, mas ainda pertence ao grupo dos países de capitalismo dependente.

Assim, o Brasil continua recebendo modelos tecnológicos em seus diversos setores de produção, porém, esses aparatos, aos serem adotados precisam também serem absorvidos dentro do modo de produção brasileiro. Isso requer o mínimo de preparo tanto do setor que vai recebê-lo, quanto da sociedade que será atendida sob novos parâmetros de produção.

A importação de tecnologias que visem contribuir com o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade é algo positivo no cenário brasileiro. No entanto, a compatibilidade da realidade desse setor com a tecnologia que será recebida, bem como do seu público consumidor também merecem atenção por parte dos órgãos governamentais que importam tais modelos.

Pois, essa interação entre tecnologias e realidades distintas, o contexto em que são produzidas e o contexto em que as mesmas irão atuar, também influenciam o modo de vida

das pessoas. No caso da sociedade brasileira, ao adquirir uma nova tecnologia, esta também age nas suas estruturas sociais, "nas relações de produção de uma sociedade dependente" (FREITAG, 1987, p. 72).

A transferência de tecnologias, de países com capitalismo avançado para países com capitalismo dependente, representam para a sociedade deste último a possibilidade de acesso à produtos e serviços sofisticados, mesmo ainda estando à margem dos espaços em que esta tecnologia foi desenvolvida. De acordo com Freitag (1987), a população de países periféricos podem se tornar mais vulneráveis aos apelos persuasivos da indústria cultural.

Esses fatos alteram a organização da sociedade e moldam a consciência de seus cidadãos. [...]. O que passa a contar é efetivamente o efeito, a funcionalidade que a moderna tecnologia obtém, tanto ao nível da infra como da superestrutura, em favor da preservação do sistema e do disfarce das contradições e dos conflitos inerentes à formação societária específica. De onde veio e a quem se deve a moderna tecnologia, que permite o desenvolvimento de aviões brasileiros ou de programas de televisão "exportáveis", torna-se totalmente secundário. (FREITAG, 1987, p. 73-74).

Entende-se, nesse sentido, que tanto a indústria cultural como as políticas educacionais brasileiras precisam de melhorias que permitam a sua reestruturação no meio social, uma vez que são instrumentos que foram pensados para atender propósitos sociais, além dos econômicos, políticos, etc., e dos quais acabaram sendo desvinculados para atender o sistema capitalista.

As perspectivas de Adorno e Benjamin são dois caminhos que permitem a visão de ângulos diferentes da indústria cultural, no entanto, ambos podem colaborar na reflexão sobre a complexidade desse universo.

À medida que a denúncia de Adorno, pode despertar certa desconfiança nas pessoas em relação aos produtos da indústria cultural, a visão de Benjamin sobre esse mesmo cenário permite entrever aspectos positivos em meio aos artifícios utilizados para subvertê-los e limitá-los a uma mera mercadoria rentável.

A visão de Benjamin permite a ressignificação do modo de consumo das pessoas, lembrando ao consumidor que em meio aos mecanismos de poder que contaminam os meios de produção, podem existir conteúdos, inteiros ou fragmentados, que correspondem aos seus interesses e contribuem na sua formação cultural.

Considerações sempre em devir...

Diante das dificuldades enfrentadas pela educação durante o período da República Velha no Brasil e a fim de impedir que esses problemas continuassem reincidindo na República Nova, Freitag sugeriu dois caminhos a serem considerados

[...] o primeiro consiste em insistir maciçamente na qualificação do ensino e na valorização do professor, valorizando financeiramente o magistério; o segundo consiste em reunir todos os esforços para elevar o nível cultural e intelectual dos programas de rádio e televisão em geral, e da imprensa e do movimento editorial em especial, intensamente consumidos por uma clientela escolarizada ou não. (FREITAG, 1987, p. 80).

É visível que a utilização de aparatos tecnológicos importados em diversos setores industriais, permitem um desenvolvimento significativo das suas atividades e produtos, aumentando a qualidade dos meios de produção, no entanto, é um erro introduzir essa mesma lógica no espaço educacional. Pois, a resposta para os problemas que ocasionam o fracasso escolar, não serão dadas a partir da inserção da educação na indústria cultural, subvertendo-a em mercadoria.

Não é o satélite, a TV Educativa ou o computador que conseguirão alfabetizar os 20 milhões de brasileiros até agora excluídos de toda e qualquer educação formal. Enquanto não houver uma reconsideração do Estado em sua avaliação do magistério, recompensando-o com salários justos, pouca utilidade têm as caríssimas campanhas publicitárias para convencer a população do valor da educação. (FREITAG, 1987, p. 80-81).

Ao mudar o roteiro estabelecido na proposta do MEC e direcionando os esforços e investimentos na valorização e qualificação do professor, será possível se aproximar da realidade educacional desejada por tantos profissionais dessa área. Essa perspectiva, não desconsidera o valor da indústria cultural e seus recursos tecnológicos na formação das pessoas, porém, esse setor necessita de mudanças que possam redirecionar suas atividades produtivas, para gerar efeitos positivos e transformadores na sociedade (FREITAG, 1987).

Para tanto, é preciso colocar em primeiro plano uma educação de base, através da qual as pessoas possam gradativamente adquirir as "competências morais, lógicas e linguísticas",

citadas por Freitag (1987, p. 8). As quais são fundamentais no processo de emancipação e autonomia dos cidadãos em meio às contradições sociais.

O âmbito da educação, sendo um espaço de livre circulação de ideologias, existe também a possibilidade de transformação do ensino. Uma vez que, as pessoas não são totalmente influenciáveis e moldadas pelas estruturas de poder, mas a partir da interação delas com esses mecanismos, elas podem desenvolver a capacidade de modificá-los e promover mais igualdade social.

Referências

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 65-108. (Coleção Os Pensadores).

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter et al. **Teoria da cultura de massa**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 221-254.

FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1987. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 26).

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 54, agosto/2001.